



# II—Uma grande realização:

## a "Aumonerie Général"

Em 1939, o P.º João Rodhain, assistente diocesano da J. O. C., era, como tantos outros, mobilizado. Assentou praça como soldado raso de infantaria e passou meses entre exercícios bélicos e inevitáveis enfados de uma vida militar sem actividade. Porque - nele descobriram qualidades aproveitáveis, viu-se o P.º Rodhain, um belo dia, nomeado capelão da divisão de carros comandada pelo General Leclerc.

Quando os exércitos alemães invadiram a França, a divisão Leclerc foi envolvida e aprisionada. O general e o capitão marcharam para a retaguarda com milhares de prisioneiros. Passada a primeira noite de cativeiro na mais completa desordem, tal a abundância dos soldados

aprisionados, percebeu o P.º Rodhain - que ainda não tinha sido nem identificado nem matriculado pelas tropas vencedoras - que haveria possibilidades de fugir. Alta madrugada pôe-se em actividade, até descobrir um automóvel abandonado. Toma conta dele, coloca-lhe um grande cartaz com os seguintes dizeres: «aumonerie des prisonniers», e parte para Paris, a falar com o Cardeal Suchard, Jun-

to de Sua Eminência, conta-lhe o que fez, a sua intenção de fugir e de organizar a assistência religiosa aos prisioneiros. Obtida a «autorização» de fugir - que pediu por escrito - no mesmo automóvel «anexado», regressa ao seu campo de prisioneiros, planeia a fuga com o general Leclerc e ambos se «escapam» na madrugada seguinte.

Era a inicio de uma grande obra.

Poucos dias depois, a França pedia o armistício. Mas nos campos de prisioneiros de guerra havia já 5.000 padres e 6.000 seminaristas. Padres que não seriam autorizados a exercer o culto, seminaristas que seriam violentamente laicizados.

O P.º Rodhain pôe-se imediatamente em campo. Com o «seu» automóvel pomposamente etiquetado do letreiro inicial, fura as linhas inimigas e estabelece contacto com os prisioneiros.

Para maior facilidade da sua missão tenta obter autorização das autoridades alemãs para montar a assistência religiosa

# Impressões de França

(Continuação da 1.ª página)

aos prisioneiros. Autorizado a principio, contrariado depois, proibido finalmente, não desanimou. As suas idas e vindas a território alemão repetem-se. Por vezes, passava uns dias na prisão, voltava a sair, tornava a ser preso, lá se escapava de novo, sempre em constante sobresalto, mas sempre decidido a levar para a frente a sua tarefa.

Em Paris, organiza entretanto o essencial com leigos e Padres dedicados. Era preciso mandar para a Alemanha, clandestinamente, altares portáteis, vinho e hóstias para o Santo Sacrifício da Missa, terços e livros de piedade, tudo enfim que fosse necessário para o culto.

Mas a tarefa do P. Rodhain torna-se mais pesada e grave, à medida que os meses passavam. Começam a partir para a Alemanha deportados políticos e pouco depois cerca de 800.000 jovens operários franceses para o trabalho forçado no Reich. Começam a encher-se os campos de concentração de muitos cristãos, seminaristas, sacerdotes, judeus, pastores protestantes, sacerdotes ortodoxos, de todas as nacionalidades. Sobretudo com estes campos de concentração com as fábricas do Reich era preciso mandar tudo clandestinamente, manter contacto perigoso e extremamente arriscado. O P. Rodhain não recua. A sua volta começa aliás a jun-

D «Aumonerie» consegue assim enviar, entre dezembro de 1940 a dezembro de 1944, estas somas inacreditáveis de objectos de culto: 3.000 altares portáteis, 160.000 litros de vinho de Missa, 800.000 pequenos missais «Prières du prisonnier», 835.000 evangelhos, milhões de hóstias e de sardinhas, 100.000 terços, 860.000 livros de cultura, biblias para os israelitas, vinho para os pastores protestantes, malas-campelas para os padres ortodoxos, não falando das 60 toneladas de bolos e outras docerias oferecidas pelas crianças de França para os prisioneiros doentes.

Mas tudo isto nada é em face da outra bem mais heróica e maravilhosa obra da assistência religiosa feita por sacerdotes voluntários que partiam para a Alemanha como operários para ali mesmo organizar a «resistência» espiritual à «nazificação» e desmoralização sistemática da juventude operária francesa compelada a trabalhos para o inimigo, no seu próprio território.

Tudo isto se fez, a «Aumonerie» penetrou em todas as fábricas, em todos os campos de concentração, chegando mesmo a organizar seminários para os seminaristas presos, que assim puderam continuar os seus estudos, na mais estrita clandestinidade, com exames, ordenações, e tudo!

É certo que visto custou o sangue e a vida de mais de duzen-

horrosos» de centenas, talvez de milhares de Padres e seminaristas, que trazem ainda gravados no rosto os traços indelévels do sofrimento e que tem na sua grande maioria, comprometida para sempre a saúde, arrastando-se, pobres tarraços humanos a cobrir almas de mortos, pelas camas dos hospitais, pelos sanatórios ou pelas ruas da França.

Acabada a guerra, a «Aumonerie» não cessou a sua actividade. Pelo contrário, aumentou-a, desenvolveu-a, a ponto de se transformar na maior e mais perfeita organização que conhecemos, no género.

Primeiro, montou a assistência religiosa e moral a todos os territórios ocupados, incluindo a Rússia. Padres aprenderam o russo para penetrar clandestinamente em território ocupado pelos soviéticos e assim manterem contacto com centenas de milhares de desgraçados sem pátria e sem família. Unindo-se às «Missões Pontificias» organizaram a assistência moral e material a todo esse enorme exército de fugitivos, prisioneiros, deportados que erram ainda hoje pela Europa, na mais dolorosa miséria, sem pátria, sem destino, sem esperança.

FORUM ABEL VARZIM  
DESENVOLVIMENTO  
E SOLIDARIEDADE

zaram a assistência religiosa a todas as prisões de França, tanto de direito comum como políticos, a todos os hospitais e sanatórios, a todos os mutilados, órfãos e viúvas de guerra. Com os prisioneiros alemães em França, que são em número de um milhão, a «Aumônerie», montou igual assistência. Fundou um seminário para os seminaristas alemães, estabeleceu

contacto com os Bispos de Alemanha, obteve autorização para que viessem para a França professores alemães de teologia e organizou toda a assistência religiosa a esses pobre prisioneiros que se manterão ainda algumas vezes em França.

No dia 8 de Setembro deste ano, em Lourdes, diante de 80.000 antigos prisioneiros e deportados reunidos em peregrinação junto da gruta da Massabielle a «Aumônerie» transformou-se oficialmente numa nova organização chamada «Secours Catholique», para responder aos desejos do Santo Padre, que conseguiu que noutras nações se fundassem idênticas organizações para coordenar toda a caridade dos católicos, a fim de se tornar mais eficaz no auxílio a todas as misérias. Na Bélgica é a «Caritas Catholica», como o é também na Alemanha e na Itália. A mesma organização existe no Canadá e na América e começa, segundo vontade expressa do Santo Padre, a espalhar-se um pouco por todo o mundo católico.

A epopeia da «Aumônerie» daria uns poucos de volumes. Dar-nos-á a nós materia para algumas crónicas bem resumidas.

Começá-las-emos por uma entrevista com o heróico e incançável P.<sup>o</sup> Jean Rodhain, alma de todo este movimento, que se reflecte já hoje na própria vida religiosa da França, desde os Seminários transformados, às paróquias rejuvenescidas, à Acção Católica reanimada e fortalecida pelo espirito de Caridade autêntica que floresce, em Pentecostes maravilhoso pelo território francês.

ABEL VARZIM